

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL- UEMS

PRÓ- REITORIA DE ENSINO- PROE

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS

CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA

**RELAÇÃO ENTRE O DESEMPENHO ESCOLAR E TRANSTORNO DE DÉFICIT DE
ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE**

DANYELLE FABRYNNE SANTANA PEREIRA

DOURADOS-MS

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL- UEMS

PRÓ- REITORIA DE ENSINO- PROE

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS

CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA

**RELAÇÃO ENTRE O DESEMPENHO ESCOLAR E TRANSTORNO DE DÉFICIT DE
ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE**

DANYELLE FABRYNNE SANTANA PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Pedro Rauber.

DOURADOS-MS

2015

Dedico este trabalho a minha família, que está sempre ao meu lado com todo apoio.

À memória de Francisco Avelar Pereira, meu amado pai, que por diversas noites me fez companhia as madrugadas de estudos.

A minha grande amiga Geisa de Carli, que desde o primeiro ano deste curso divide as alegrias e turbulências.

Ao meu namorado, Henrique Rodrigues, por toda compreensão e ajuda.

Aos docentes, Pedro Rauber, Milton Valençuela, por toda ajuda, paciência, incentivo, dedicação em transmitir seus conhecimentos e amizade sincera.

As docentes, Marli Menani Heild, Rosangela Polido, Luciene Giraldelli, Giana Amaral, por toda ajuda, paciência, incentivo, dedicação em transmitir seus conhecimentos e amizade sincera.

A todos vocês, meu muito obrigado!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tornar tudo possível, me iluminando nesta caminhada.

A toda minha família que me incentivou e apoiou durante esta caminhada, especialmente meu pai que hoje se encontra com Deus, mas que sempre me incentivou na conclusão do curso.

A todos os docentes/as que me acompanharam durante toda a graduação, em especial ao docente Pedro Rauber, por toda orientação na realização deste trabalho.

As docentes que colaboraram ao responder o questionário, sem vocês não seria possível à conclusão deste trabalho.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e apoio constantes.

"Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra".

Anísio Teixeira

RESUMO

Propôs-se, neste texto, discutir o tema da relação entre o desempenho escolar e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, contemplando os aspectos históricos da formação docente e do transtorno, ressaltando a importância do docente durante o processo de aprendizagem do aluno juntamente com suas influências, buscando conhecer as dificuldades enfrentadas pelos docentes em relação às suas práticas pedagógicas diante de alunos com T.D.A/H, esclarecendo e divulgando informações sobre Déficit de Atenção/ Hiperatividade para docentes, discentes, pais e familiares, visando ampliação dos conhecimentos e amenizando confusões e rótulos. A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa com aplicação de questionário para as docentes selecionadas a participar da pesquisa. Por fim, a formação destas docentes evidenciam as inúmeras mudanças ocorridas, entretanto ainda é notória a falta de atenção, investimentos e recursos para os docentes virem a preparar e desenvolver práticas educativas.

Palavras- Chave: Docente, T.D.A/ H e Educação.

ABSTRACT

It was proposed in this text discuss the issue of the relationship between school performance and Deficit Disorder Attention Deficit Hyperactivity Disorder, covering historical aspects of teacher training and disorder, emphasizing the importance of teaching for the student's learning process along with its influence, seeking to know the difficulties faced by teachers regarding their teaching practices in front of students with ADD / H, clarifying and disseminating information on Attention Deficit / Hyperactivity for teachers, students, parents and relatives, seeking expansion of knowledge and softening confusion and labels. The research presents a qualitative approach with a questionnaire to the teachers selected to participate. Finally, the training of these teachers demonstrate the numerous changes that have taken place, though it is still notorious lack of attention, investment and resources for teachers to come to prepare and develop educational practices.

Keywords: Lecturer, T.D.A / H and Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDA- Associação Brasileira do Déficit de Atenção

D.A- Déficit de Atenção

DSM- Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

HACSG- The Hyperactive Children's Support Group

M.D.E- Mau Desempenho Escolar

T.D.A/ H- Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	10
1.1- Apresentação e Delimitação do Problema	11
1.2- Objetivos	11
1.3- Procedimentos Metodológicos.....	12
2- Capítulo I- A Natureza do Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade- T.D.A/H	14
2.2 A droga da obediência chamada Ritalina	17
3- Capítulo II- Formação Docente no Brasil e o T.D.A/ H.....	20
4- Capítulo III- Resultados e Discussões	30
5- Considerações Finais	34
6- Referências Bibliográficas	36
7- Anexos	40

1- INTRODUÇÃO

No âmbito escolar é comum a presença de alguns problemas em relação à aprendizagem as quais podem vir a afetar o desempenho escolar, sendo essencial aos docentes esclarecer as dúvidas que vão surgindo e procurar métodos para diagnosticar as possíveis dificuldades na tentativa de resolvê-los.

Partindo desta premissa e juntamente com relatos de algumas docentes as quais tive contato durante a elaboração do projeto, escolhi o tema “Relação entre o Desempenho Escolar e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade”, tendo como principal foco de interesse as possíveis dificuldades a serem enfrentadas pelos mesmos e o apoio que estes recebem.

Asfora et al (2010) relatam que a principal dificuldade enfrentada pelos docentes, de acordo com o discurso dos mesmos, é o sentimento de despreparação para lidar com esses alunos. A esse sentimento se alia a falta de apoio em relação às condições de trabalho e recursos para materiais pedagógicos, aos quais deveria ser oferecido pelas políticas públicas. A autora ressalta que alguns docentes quando se deparam com alunos hiperativos não conseguem entender o que se passa com elas, muitas vezes por falta de conhecimento a respeito do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (T.D.A/ H).

Tal tema tem despertado grande interesse dos pesquisadores que problematizaram em diferentes focos. Muito já foi pesquisado e atualmente, mais pesquisas estão surgindo referente a este elo entre práticas pedagógicas e crianças com T.D.A/ H, considerando que a escola é uma instituição de ensino aprendizagem.

Vale ressaltar que o termo utilizado nesta pesquisa (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade- T.D.A/ H) refere-se a criança que possui os dois transtornos. Há crianças que tem apenas Déficit de Atenção (D.A) ou somente Hiperatividade. Nesta pesquisa estarei focando o aluno com o transtorno (T.D.A/ H), deixando claro a possibilidade de alunos com ou sem hiperatividade.

Ao elaborar este Trabalho de Conclusão de Curso, pretendo compreender a relação que se é estabelecida entre docente e aluno e ampliar os conhecimentos sobre Déficit de Atenção/ Hiperatividade para que não ocorra mais confusão e rótulos sem nenhuma necessidade, incentivando os futuros docentes, que busquem essa qualificação melhorando não só o ensino, mas o seu próprio trabalho com os futuros alunos com T.D.A/H.

O trabalho está dividido com três capítulos. O primeiro capítulo apresenta um breve contexto sobre a natureza do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade-

T.D.A/ H e identifica pesquisas referentes ao assunto. No segundo capítulo apresento conceitos sobre a formação acadêmica e sua relação do com Mau Desempenho Escolar-MDE. Por fim o terceiro capítulo apresenta os resultados obtidos através do questionário aplicado às docentes participantes da pesquisa, com o objetivo de conhecer as dificuldades apresentadas pelas mesmas.

1.1- Apresentação e Delimitação do Problema

De acordo com Barkley e organizadores (2002, p. 15) o T.D.A/H é um rótulo usado para denominar os problemas apresentados pelas crianças/ jovens e adultos com relação à falta atenção, com impulsividade e atividade excessiva.

A abordagem na grande parte dos textos publicados frisa a definição do T.D.A/H, causas, como identificar e diferenciar crianças hiperativas das demais e tratamentos, contudo são poucos ainda os textos que se voltam também a explicar sobre a formação e ação docente em relação ao transtorno, como estes influenciam durante o processo de aprendizagem dos alunos, como é no caso da dissertação de mestrado da autora Vilma Bastos Machado.

Referente a formação docente, as mesmas relatam a existência da defasagem nas formações para os docentes em questão ao tema, visto que de acordo com relatos é possível garantir a inexistência destas formações, cabendo ao docente procurar por conta própria cursos referentes ao tema. Sendo assim direciono minha pesquisa para verificar a atual situação da formação dos docentes atuantes em uma escola pública estadual, da cidade de Vicentina- MS e a relação da mesma com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, relacionando com as principais dificuldades a serem enfrentadas por estes profissionais em suas práticas pedagógicas diante de alunos com o T.D.A/H’.

1.2- Objetivos

Conhecer as dificuldades enfrentadas pelos docentes em relação as suas práticas pedagógicas diante de alunos com T.D.A/H.

Objetivos Específicos:

Comunicar informações sobre Déficit de Atenção/ Hiperatividade para docentes, discentes, pais e familiares, visando ampliação dos conhecimentos e amenizando confusões e rótulos.

Identificar a formação que os docentes possuem em relação ao T.D.A/H.

Relacionar a formação docente com o desempenho escolar dos alunos com T.D.A/H.

1.3- Procedimentos Metodológicos

O presente estudo foi realizado na cidade de Vicentina, Mato Grosso do Sul, em uma escola pública estadual, com três docentes que ministram aulas nos anos iniciais do período vespertino e aceitaram participar da pesquisa.

A escolha dos participantes do sexo feminino ocorreu pela inexistência de docentes do sexo masculino nos anos iniciais da instituição. Dentre as 06 (seis) docentes atuantes, somente 03 (três) concordaram em participar da pesquisa. As docentes receberam nomes fictícios. A primeira docente recebeu o nome de Andreia, possui formação em Pedagogia com pós-graduação em Educação Especial e psicomotricidade em Educação Infantil, atuando em sala de aula a 5 (cinco) anos e lecionando no 3º ano do Ensino Fundamental; a segunda docente recebeu o nome de Gabriela, possui formação em Pedagogia e pós-graduação nas séries iniciais, atuando em sala de aula a 25 (vinte e cinco) anos e lecionando no 1º ano do Ensino Fundamental; a terceira docente recebeu o nome de Laura, possui formação em Pedagogia, atuando em sala de aula a 9 (nove) anos e lecionando no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental.

Todas as docentes possuem curso superior completo em Pedagogia, o que de acordo com a Resolução CNE/ CP Nº 1 de 15 de maio de 2006, possibilita exercer as funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Dentre elas somente uma (Laura) não possui formação complementar.

A estrutura de apoio técnico na escola é extremamente precária, não há na escola qualquer apoio psicológico, quem auxilia nas queixas escolares é a própria docente com o apoio da direção e coordenação, atendendo os pais quando estes comparecem na instituição. Se a criança necessitar de uma ajuda profissional fica a cargo da família.

Foi elaborado um questionário, partindo das leituras realizadas para a elaboração deste trabalho, contendo 11 (onze) questões. O uso do questionário foi uma exigência das docentes, alegando não disponibilizar de tempo, visto que seria fim do bimestre. As respostas das mesmas serão encontradas ao longo do texto. Este foi encaminhado via e-mail para as mesmas sentirem-se à vontade para respondê-los.

Paraíso (2012, p.28) afirma que para construirmos as metodologias temos que visar seu funcionamento e o que ele produz, buscando assim estratégias de descrição e análise

possibilitando, assim trabalhar com o próprio discurso mostrando os enunciados e as relações que o discurso coloca em funcionamento.

Segundo Alves e Silva (1992, p. 61) a análise qualitativa dos dados é um processo indutivo, a qual visa à fidelidade ao cotidiano dos sujeitos, captando os diferentes significados da experiência vivida, levando em conta não somente os resultados, mas também o contato com a realidade pesquisada juntamente com os referenciais a qual dão sustentação a pesquisa.

Partindo destes princípios, os dados coletados serão aqui apresentados como uma cópia fiel da fala das docentes e analisados de forma qualitativa, visto que, não se pretende aqui apenas tabular os resultados obtidos, mas sim analisá-los juntamente com os referenciais ressaltando aspectos importantes, levando em consideração a realidade enfrentada pelas participantes.

2- Capítulo I- A Natureza do Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade- T.D.A/H

O Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade (T.D.A/H) é um dos diagnósticos mais comuns nas crianças de idade pré- escolar atingindo, segundo Goldstein & Goldstein (1996), de 3 a 5% das crianças do país. Crianças diagnosticadas com o T.D.A/ H tendem a sofrer com desatenção, agitação, defasagem na aprendizagem e impulsividade.

A primeira publicação sobre o tema foi em 1775, pelo médico Melchior Adam Weikart, no qual dedicou um capítulo sobre déficit de atenção, a qual denominava **attentio volubilis**. Segundo Barkley et al (2002, p. 15), a história do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade abrange quase um século de publicações clínicas e científicas a qual até meados de 1997 não tenha sofrido alterações desde a edição passada publicada pelo autor (Barkley, 1998).

O T.D.A/h é caracterizado, de acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção- ABDA como um transtorno neurológico, derivando de causas genéticas a qual desabrocha na infância e muitas vezes, segue o indivíduo por sua vida inteira. O uso da barra inclinada em sua nomenclatura informa a possibilidade do transtorno de Déficit de Atenção ter ou não o componente de Hiperatividade.

De acordo com o Ph. D Russel Barkley (2002), autoridade internacionalmente reconhecida em déficit de atenção e hiperatividade em crianças e adultos e professor clínico de psiquiatria e pediatria da Universidade de Medicina da Carolina do Sul, os sintomas característicos desde transtorno são: desatenção, inquietude/ impulsividade. Outros sintomas são relatados pela mestra em psicologia com ênfase em depressão infantil e ansiedade, Maria Teresa Bertoncini Zogaib (2014), tais como medo exagerado, irritabilidade, agitação motora, medo de ficar sozinho, choro intenso e preocupação ao se separar dos pais.

Segundo com o médico Dráuzio Varella (2013), em seu site, que fornece informações respondendo os questionamentos de pacientes e curiosos, o diagnóstico deve ser sempre clínico, os sintomas se manifestam durante a infância, mais precisamente antes dos sete anos de idade, em no mínimo dois ambientes diferentes (como casa, escola, lazer) por pelo menos seis meses. Para o médico este “problema” fica mais evidente nos primeiros anos escolares, mesmo estando presente desde o nascimento da criança. Este diagnóstico deve ser feito por especialistas, tendo como referência os critérios estabelecidos pelo Manual Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais (**Diagnostic and Statistical Manual of**

Mental Disorders – DSM), no qual lista nove sinais/ sintomas, entre eles: dificuldade em prestar atenção a detalhes, perder coisas importantes, ficar mexendo as mãos e os pés quando sentado. O T.D.A/ H não tem cura, sendo ministrado um tratamento a qual ameniza os sintomas presente no transtorno.

Em algum momento todos nós já fizemos algum desses sinais citados pelo DSM, contudo o que esclarece a presença do transtorno é a ocorrência destes vários sinais, sendo no mínimo seis dos nove sinais em algum grupo e como informado pelo Drº. Varella, em pelo menos dois ambientes por um período superior a seis meses, resultando “prejuízos” ao individuo no contexto familiar, social ou escolar.

Vale aqui ressaltar que ao fazer um diagnostico precoce na criança, pode resultar em um diagnostico pouco preciso ou até mesmo equivocado, confundindo a criança portadora de T.D.A/H com uma criança indisciplinada. Tiba (2012, p. 157) afirma que muitas crianças e adolescentes mal- educados estão sendo confundidas e rotulados como portadores de Hiperatividade, chegando até a tomar o medicamento Ritalina (cloridato de metilfenidado) destinado ao tratamento do transtorno.

O conceito de T.D.A/H tomou lugar na atenção de docentes e pais, como a resposta pelo comportamento a qual foge dos padrões estabelecidos pelas instituições educacionais. Na escola há o horário pré- estabelecido para tudo (ouvir, falar, brincar, escrever), visto esses horários como uma forma de adequação de comportamentos e muitas vezes as crianças comandam seu próprio horário; a quebra destas regras/ horários estabelecidos pela escola é vista como indisciplinada. O que muitas vezes é visto pela escola e pelos pais como indisciplinada seria na verdade protestos, clamores de justiça, pelas punições severas quando não cumprido as regras.

A partir das Diretrizes Nacionais de Educação Especial na Educação Básica de 1996, o T.D.A/H começou a fazer parte do quadro de dificuldades de aprendizagem. No art.º 58, inciso I e III relatam os deveres e obrigações da instituição e docentes em relação aos educandos com o transtorno e demais dificuldades de aprendizagem. Em resumo os incisos citados acima asseguram ao educando, currículos, métodos, recursos educativos, docentes especializados com adequado nível médio ou superior para o atendimento especializado destes alunos dentre outros diversos direitos.

Como relata Simone Sena, colunista da revista pedagógica Pátio do ano de 2010, p. 20, é com muita frequência que os portadores de T.D.A/H apresentam uma forma distraída, impulsiva e até mesmo imprudente ocasionando muitas vezes um número maior de acidentes domésticos (quedas, cortes, queimaduras). O T.D.A/H tende a afetar mais o sexo masculino,

ou seja, três homens para cada mulher. A colunista informa que em uma sala com 30 alunos, encontraria se em média, um ou dois com o referido transtorno.

A criança com T.D.A/H pode vir a apresentar dificuldades em seguir instruções, acompanhar aulas, comportar se de modo coordenado com determinada situação, dificuldade em permanecer parado mesmo brincando e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

Como diz Fontes (2002) é notável que algumas crianças com este transtorno sejam incapazes de permanecer sentadas e concentradas em atividades propostas tanto por docentes, quanto por seus pais e familiares.

Os estudantes portadores de T.D.A/H dentem a experimentar diversas variedades de dificuldades na escola, tais como: interação com os colegas, prestar atenção, permanecer sentado, iniciar e finalizar tarefas, trabalhar de forma independente, sendo vivenciadas estas dificuldades no âmbito familiar e social. (MACHADO, 2007, p. 20).

De acordo com o Instituto Paulista de Déficit de Atenção (IPDA)¹, há três tipos principais de T.D.A/H: desatento; hiperativo- impulsivo e misto, contudo há alguns especialistas que acreditam haver um maior número de tipos de T.D.A/ H.

- ✓ T.D.A/H Tipo Desatento: segundo o IPDA as características mais comuns deste tipo são: desatenção, resistência à distração, dificuldade em sustentar o esforço em atividades mais exigentes e percepção da passagem do tempo. Desviam facilmente a atenção, muitas vezes parecendo não ouvir quando o chamam e dificuldades em seguir instruções e organizar se com objetos e planejamentos.
- ✓ T.D.A/H Tipo Hiperativo- Impulsivo: segundo o IPDA, as características mais comuns deste tipo são: agitação, hiperatividade, impulsividade, inquietação, realiza inúmeras atividades ao mesmo tempo (comer, falar comprar), baixa tolerância e instabilidade no humor.
- ✓ T.D.A/H Tipo Misto: segundo o IPDA, as características deste tipo de T.D.A/ H é a combinação das características do tipo desatento com o tipo hiperativo-impulsivo.

Tiba (2002) narra que quanto maiores os sintomas apresentados nas crianças, mais configurará o comparecimento do T.D.A/H, aparecendo isoladamente ou em conjunto. Contudo deve se analisar bem os sintomas e como informado anteriormente, o transtorno deve ser diagnosticado por especialistas para evitar diagnósticos falsos- positivos, ocorrendo à confusão entre o aluno com T.D.A/ H e o aluno mal- educado.

¹ Clínica especializada em diagnóstico e tratamento de TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, ansiedade, depressão, problemas de aprendizagem e comportamentais que prejudicam o desempenho estudo, trabalho e relacionamentos.

Apesar de ambos os “tipos” de alunos serem instáveis e falta de capacidade de esperar, pode-se notar suas diferenças e saber distingui-los. As crianças com T.D.A/H agem por impulso, um dos principais sintomas relatado por Barkley (2002) devido a ausência da capacidade de se controlar e controlar os sintomas, realizando atividades diferentes das solicitadas e continuando agitado . Já os alunos mal- educados, como relatado por Tiba (2002) tendem a calcular o terreno, manipulando situações visando adquirir vantagens sobre os demais a sua volta, tornando-se agitada somente quando é contrariada ou quando a mesma quer algum presente, ficando comportada para recebê-lo ou quando está sozinha. Outra diferença é a atenção, a criança hiperativa por mais agitada que seja a mesma consegue focar sua atenção por um determinado tempo naquilo que gosta e a criança mal- educada tende a cansar-se facilmente de todas as atividades propostas.

Há, porém casos em que os dois “tipos” de crianças são tão próximos que faz necessário a ajuda de um profissional especializado para diferenciá-los. Com esta aproximação ocorre o fato de que muitas destas “crianças e adolescentes estão tomando o cloridrato de metifenidato (Ritalina) o qual não surte efeito, criando certa liberdade para que estas crianças mal- educadas fiquem à vontade para continuar com suas malcriações.” (TIBA, 2002, p.157).

Sena (2010, p.22) descreve que a escola assume um papel de suma importância, devido ao fato de influenciar nos resultados, proporcionando resultados mais promissores quando há uma equipe multidisciplinar trabalhando em conjunto com a criança e sua família. Para isso, faz se necessário conhecer a criança hiperativa, compreender a hiperatividade, entendendo seu desenvolvimento e as características apresentadas em decorrência deste transtorno e como diferencia das crianças ditas “normais”.

Vale aqui ressaltar que crianças são ativas por natureza e muitas vezes, os excessos de cobranças podem acarretar agitação ou desconcentração, ocorrendo assim como relatado por Tiba (2002), a confusão da criança com o referido transtorno com uma criança “normal”.

2.2 A droga da obediência chamada Ritalina

De acordo com a Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA), o tratamento do transtorno deve ser multimodal, isto é, combinação de medicamentos com as orientações de pais e docentes, além das técnicas ensinadas as próprias crianças com o

transtorno, o tempo do tratamento é uma questão individual. São indicados, psicoterapia (Terapia Cognitivo Comportamental) e em alguns casos específicos tratamento com fonoaudiólogo. Faz-se necessário o apoio em casa e na escola, não exigindo da criança com T.D.A/ H a mesma organização que outra criança não portadora.

Segundo Torquato (2014), o tratamento do T.D.A/ H envolve uma abordagem múltipla com a participação de diversos profissionais, tais como: docentes, fonoaudiólogos, psiquiatras, neurologistas, psicopedagogos, psicólogos e nutricionistas. O tratamento com o fonoaudiólogo é indicado, pois há presente a dificuldade em manter a atenção e em alguns casos a criança apresenta problemas de leitura (dislexia) ou na expressão da escrita (disortografia).

Já o acompanhamento psicológico faz-se necessário para ajudar o paciente a lidar com as rotinas (pessoal e escolar); por fim, devido ao fato destas crianças serem extremamente repreendidas e excluídas do ambiente escolar, o acompanhamento dos pais e docentes torna-se fundamental visando amenizar o sofrimento da criança oferecendo um ambiente adequado para seu desenvolvimento. O medicamento cloridrato de metilfenidato, mais conhecido como Ritalina, é o mais comum e mais utilizado no tratamento de crianças com T.D.A/ H.

Entendida como a droga da obediência, de acordo com Souza (2014, p. 35), o medicamento compareceu nas escolas de crianças “indisciplinadas” como uma moeda de troca para o controle dos comportamentos impulsivos das crianças hiperativas para assim suprimir e haver a continuidade do processo de aprendizagem destes alunos ditos “problemáticos”.

De acordo com Fontes (2002, p. 145) a prescrição médica de drogas como a Ritalina e Dexedrina deve ser feitas em último caso. Ainda segundo o mesmo autor não é incomum que o entusiasmo dos pais com os resultados iniciais dos medicamentos desapareçam gradativamente, após um determinado período. Contudo o aumento da dosagem não fará diferença, podendo precipitar efeitos colaterais indesejáveis.

Como diz Souza (2014), a disciplina química chegou à escola, na escolarização de crianças “indisciplinadas”. Sendo assim fica evidente o quão este medicamento é importante para a escola e não para o aluno, pois este se torna refém do medicamento, se ele não se comporta como um aluno “normal e obediente” torna-se um transtorno não deixando outra

escolha a não ser disciplinar quimicamente, para assim evitar que influencie no comportamento dos demais alunos.

Assim, tendo como base a fala de Souza (2014) evidencia-se, que não se é levado em consideração o que o aluno possa vir contribuir a aula, se o comportamento deste não agrada, ou melhor, não se enquadra as regras da instituição o melhor a se fazer é disciplina-lo quimicamente, erro que se é muito cometido, pois de acordo com Fontes (2002) tal intervenção deve ser feita somente em último caso.

3- Capítulo II- Formação Docente no Brasil e o T.D.A/H

O docente desempenha um papel fundamental durante o processo de aprendizagem dos alunos, principalmente dos alunos com T.D.A/H sendo ele, de acordo com Asfora et al (2010), que em diversos casos nota a alteração do comportamento esperado dos alunos.

Gomide e Vieira (2008, p. 3835), relatam que a formação de docentes estabelece elemento essencial, visando atingir os objetivos propostos pela educação, visto que o docente em sua prática operacionaliza propostas formuladas pelas reformas educacionais, as quais precisam estar adaptadas à realidade do aluno e da sociedade.

Destaca-se assim, que esta formação venha a auxiliar os docentes a manter se atualizado, proporcionando que este busque novas propostas diversificadas podendo assim, como dito anteriormente, adaptar suas produções à realidade do aluno. O docente é visto como aquele que concilia o saber com a realidade do aluno, partindo desta realidade para poder explicar seus conteúdos.

Segundo Araújo et al (2013, p. 2), é fundamental que o docente possua formação adequada e de qualidade, recebendo informações através de cursos, visando atender às especificidades de cada aluno para que sejam orientados da melhor forma possível. Como diz a psicóloga Adriana Serrano, no site que informa sobre o transtorno e como amenizar seus efeitos, “toda pessoa com T.D.A/ H tem total possibilidade de aprender e ser quem quiser na vida, desde que tenha um ensino adequado a sua necessidade”.

Ao pensar em educação de qualidade, devemos levar em consideração a formação adquirida pelo docente e seu desempenho em sala de aula, pois como citado acima o docente tem um papel fundamental, para isso é preciso compreender o que venha a ser esta formação e prática.

De acordo com o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, formação deriva do latim *formatione*, tendo o sentido de formar, construir estando em processo de interação e de transformação dos conhecimentos. Sendo assim, a formação é uma transformação e conhecimentos constantes tendo forte reflexo na ação do docente dentro da sala de aula.

Partindo deste conceito, Bandeira (2006) afirma que a formação não se dá através de uma mera acumulação de conhecimentos, mas sim uma conquista feita com ajuda de

diversos itens como livros, aulas, internet, conversas entre docentes e muitas outras. Assim, pode-se concluir que as pessoas formam-se a si mesmas.

Pode se pensar que a formação dos docentes tomou forma e intensidade apenas nos tempos atuais, a qual nota-se o investimento dos órgãos governamentais em cursos gratuitos e de acesso a todos os docentes que atuam nas instituições seja esta estadual ou municipal. Contudo este tema é abordado, de acordo com Aquino et al (2011) desde 1684 com a criação do primeiro estabelecimento para formação de docentes.

Segundo Gomide e Vieira (2008, p. 3837) era oferecida aos primeiros docentes brasileiros uma formação baseado nos clássicos antigos pautado nos padrões europeus cristão, a qual privilegiava a retórica com a eloquência ciceroniana, presente na formação dos representantes da Companhia de Jesus. Tal fato constituía a primeira importante influência na formação dos docentes no Brasil.

Aquino et al (2011, p. 950) informa que a formação foi recomendada por Comenius, tendo como o primeiro estabelecimento destinado à formação de docentes o Seminário dos Mestres, estabelecido por São João Batista de La Salle em 1684. Contudo somente no final do século XVIII que se começou o processo de valorização da instrução escolar, período em foram criadas as Escolas Normais com o intuito de formar docentes, surgindo à necessidade de padronizar a instrução elementar e organização de sistemas de ensino.

Assim, foi organizada em seis períodos, a história da formação dos docentes durante os dois últimos séculos, pautadas por Saviani (2009)

Demerval Saviani (2009, p. 144) relata que o primeiro período é apontado como “Ensaio intermitentes de formação de professores (1827-1890)”, tendo o marco inicial os colégios jesuítas, permeando as aulas régias, as quais foram implantadas pelas reformas pombalianas, indo até os cursos superiores aos quais foram estabelecidos em 1808 por Dom João VI. Contudo somente em 15 de outubro de 1827 surgiu a real preocupação com a formação de docentes.

Para Gomide e Vieira (2008, p. 3839) a “lei áurea” da educação de 15 de outubro de 1827 é a primeira que institui avaliações da seleção de docentes. Estes seriam avaliados em

sua proficiência na aplicação do método mútuo², onde deveriam aperfeiçoar-se nas suas próprias expensas. Tal instrução caracteriza a primeira intenção de preparar os docentes, exclusivamente na prática sem base teórica.

[...] o artigo 4º da Lei das Escolas das Primeiras Letras determina que os docentes devessem ser treinados para o uso do método, às próprias custas, nas capitais das Províncias. (AQUINO et al 2011, p. 96).

O segundo período é apontado por Saviani (2009, p. 145) como “Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1980- 1932)” neste período pode ser considerado que o padrão e funcionamento das Escolas Normais foram fixadas por meio da reforma paulista da Escola Normal com anexo a escola modelo. Ainda de acordo com o autor, o ensino não pode ser regenerado e eficaz sem docentes bem preparados, frisando assim a importância, neste período, de reformar o plano de estudos.

Para Amaral et al (2013, p. 11) o docente precisa de uma formação adequada, um comprometimento nas salas de aula e a busca pela formação continuada e dedicação ao ensino, só assim para haver um atendimento inclusivo. Para tanto é essencial que o docente esteja preparado, possuindo como informa Machado (2007) uma cultura geral e bom senso, concretizando todas as possibilidades durante sua atuação m sala de aula.

O terceiro período foi definido por Saviani (2009, p. 145) como “Organização dos Institutos de Educação (1932-1939)” tendo como destaque as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal em 1932 e de Fernando de Azevedo em São Paulo em 1933. O autor relata que abriu se uma nova fase com o advento dos Institutos de Educação, gerados como espaços de cultivo e educação.

Aquino et al (2011, p. 28) expõe que a preocupação em formar docentes para o secundário surgiu apenas no início do século XIX, a qual corresponde atualmente aos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, através de cursos regulares e específicos. Com isso começa se a ter a necessidade de criar a Universidade visando formar profissionais docentes, visto que até então, este ofício era exercido por profissionais liberais ou autodidatas.

² Método criado por Joseph Lancaster que teve como objetivo ensinar o maior número de alunos, usando poucos recursos em pouco tempo e com qualidade.

Neste período fica evidente a preocupação em formar os docentes para ministrar as aulas, visto que de acordo com Saviani (2011, p. 07) o número geral de matrículas em 1933 era de 2.238.773 alunos e a tendência seriam de aumentar cada vez mais, chegando a 44.708.589 em 1998.

Avançando através da história, chega-se ao quarto período apontado por Saviani (2009, p. 146) como “Organização e implantação dos cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação no padrão das Escolas Normais (1939-1971)”. Aqui o autor relata que os Institutos citados no período anterior foram elevados ao nível universitário, sendo a base dos estudos superiores de educação. Este período é marcado pelo Decreto 1.190, de abril de 1939.

Segundo Aquino et al (2011, p. 99) é a partir deste Decreto que acontece a organização definitiva da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e dos cursos de formação de docentes para escolas secundárias. Devido a isso ocorre o esquema 3 + 1 (três mais um), ou seja, três anos eram dedicados ao estudo de disciplinas específicas ou conteúdos cognitivos e um ano dedicado à formação didática.

De acordo Gomide e Vieira (2011, 3841) informam que após a 2ª Guerra, se é fortalecido as ideias liberais e o Estado de direito, articulando após debates a instrução pública como “direito de todos e dever do estado”, presente até os dias de hoje.

Chegamos ao quinto período caracterizado por Saviani (2009, p. 147) pela “Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996)”. Este período é marcado pelas exigências que foram desencadeadas pelo golpe militar de 1964. Foram modificadas as denominações dos ensinos, passando a ser denominados como primeiro e segundo grau. Outra mudança foi a instituição de um habilitação específica de 2º grau para exercício do magistério no 1º grau.

Ainda de acordo com o autor, o Parecer n. 349/72 (Brasil- MEC- CFE, 1972) estabelece a divisão do Magistério em duas modalidades: uma com duração de três anos, habilitando o profissional a lecionar até a 4ª série, atual 5º ano; e a outra com duração de quatro anos, habilitando o profissional ao magistério até a 6ª série do 1º grau, atual 7º ano.

A Lei 5.692/72 previu a formação dos docentes para as quatro últimas séries do ensino de 1º Grau e, para o Ensino de 2º Grau, em cursos de Licenciatura curta (3 anos de duração) ou plena (4 anos de duração). Para o Curso de Pedagogia, além da formação de docentes para a Habilitação Específica de Magistério recebeu a atribuição de formar os especialistas em Educação, diversificados em diretores de escola, orientadores educacionais, supervisores escolares e inspetores de ensino. (BRASIL, 1971).

Por fim chega-se ao sexto período e último, caracterizado por Saviani (2009, p. 148) pelo “Advento dos Institutos de Educação e das Escolas Normais Superiores (1996-2006)”. Neste período o autor relata que alimentava-se a esperança de que o problema da formação docente seria solucionado com a nova Lei de Diretrizes e Bases 9.394/ 96 – LDB, contudo isso não ocorreu, Saviani informa que a LDB não teria correspondido a tais expectativas

Esse fato, para Saviani (2008, p. 148) ocorreu devido ao fato de ter sido introduzido como alternativa aos cursos de Pedagogia e Licenciatura, os Institutos de Nível Superior da 2ª categoria, propiciando assim uma formação rápida e barata por meio dos cursos de curta duração.

[...] a educação é compreendida como um problema social, e o método científico determina uma mudança de paradigma na condução do trabalho pedagógico e da formação de docentes, de modo que o educando, com seus interesses, suas aptidões e suas tendências passam a ser o foco do processo educativo, exigindo a responsabilidade do Estado o dever de oferecer educação pública, gratuita e laica aos brasileiros. (GOMIDE & VIEIRA, 2008, p. 3845-3846).

Com o estabelecimento da LDB/96, de acordo com Aquino et al (2011, p. 104), surgem diversas propostas com relação a formação, sendo que em 2002 é estabelecido as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação dos docentes (DCN) ocorrendo as primeiras adequações nos currículos.

Art. 62- A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (BRASIL, 1996).

O artigo 62 da LDB/ 96 ressalta a importância e exigência de nível superior para os docentes da educação básica, friso aqui que a importância não se prende somente a formação de nível superior, mas que esta formação seja de qualidade, preparando os futuros docentes para ministrar aulas de qualidade e diversificadas. Sendo assim, os docentes estão sendo, desde tempos atrás, convidados a se profissionalizarem cada vez mais, “atualizando” suas práticas de ensino atendendo assim as demandas pela educação primária.

Já não é incomum encontrarmos instituições que oferecem cursos de formação de docentes com uma duração reduzida, como por exemplo, o curso de licenciatura em

Pedagogia, que é o oferecido e algumas instituições com duração de 3 (três) anos, ou seja, uma formação rápida e barata.

Saviani (2011, p. 13) informa quem em relação à formação de docentes, está muito presente o objetivo de formar um docente técnico e não culto. Para ele o docente técnico seria aquele que é capaz de entrar em uma sala de aula, aplicando regras em relação ao comportamento e aos conhecimentos a virem ser transmitidos, ou seja, aquele que alcança suas metas e alegria dos alunos; já o docente culto seria aquele que possui domínio dos fundamentos científicos e filosóficos aos quais lhe permite compreender o desenvolvimento da humanidade, para a partir deste ponto, desempenhar um trabalho profundo e formação dos alunos e ele confiados.

Ao decorrer do século XX, Saviani (2011, p. 08) informa que o Brasil passou a ter um grande atendimento educacional, o qual representa aproximadamente a universalização do acesso ao Ensino Fundamental, correspondendo à escolaridade obrigatória de 8 (oito) anos, a qual foi elevado para 9 (nove) anos incorporando crianças de 6 (seis) anos.

Contudo ainda segundo o autor, este aumento acarretou alguns problemas com relação à qualidade de ensino atestados pelas avaliações. Com relação a estes resultados, que indicam uma baixa qualidade, os docentes tendem a serem indicados como, nas palavras de Saviani (2011) os vilões, devido ao fato de serem eles os “transmissores” do saber, tendo contato direto com os alunos.

E de fato os resultados destas avaliações influenciam no desempenho escolar dos alunos, visto que eles estão sendo treinados a alcançar bons resultados nestas avaliações, deixando de lado a sua realidade e contribuição no decorrer das aulas. De fato este treinamento para boas notas em testes padronizados vem sendo muito recorrente nas escolas; os docentes modificam suas práticas visando atingir os resultados nos testes; o foco para isso é tão grande que acaba não abordando de forma interdisciplinar os conteúdos, adequando-se as limitações do aluno ou até mesmo aprender com o aluno, pois este possui uma “bagagem” de conhecimentos.

Segundo Machado (2007, p. 30) o docente tem uma oportunidade de aprender a reestruturar seu trabalho quando lida com alunos “diferentes”. As crianças com T.D.A/ H são conhecidas por serem bem agitadas, como se a energia nunca acaba se, ao lidar com esse “tipo” de aluno o docente deve ter a mínima noção do que venha a ser T.D.A/ H, conhecer os

limitações, respeitar, descobrir qual o método que a ajuda a aprender melhor os conteúdos, para assim reestruturar seu trabalho para que de fato este aluno seja atendido e incluído na sala de aula.

Asfora et al (2010, p. 7) percebe que o desempenho escolar dos alunos com T.D.A/H apresenta uma estreita relação com as práticas utilizadas pelos docentes, estas estando ligadas a inclusão tornando se em algumas vezes uma prática desafiadora.

Fica assim, evidente a importância que o docente desempenha em relação aos seus alunos, mediando os conhecimentos e muitas vezes influenciando e adequando se a realidade dos mesmos, por isso é essencial uma formação adequada. Contudo não podemos limitar a concepção de formação, como sendo apenas um acúmulo de conhecimentos até então apresentadas, esta também está alicerçada à experiência e prática desempenhadas durante as aulas.

Em tese a sala de aula é um lugar de inclusão, onde os docentes atendem todos os estudantes independentemente das suas diferenças, mas infelizmente ainda é comum encontrar docentes que não possuem o conhecimento acerca dos transtornos e acabam por rotular em larga escala seus alunos transformando a escola em uma “produtora de deficiência”.

É direito de toda criança (com necessidades especiais ou não) e assegurado por lei, uma educação gratuita e de qualidade. Como é estabelecido no Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 em seu Artigo 24,§ 1º compreende educação especial como a educação escolar oferecida, preferencialmente na regular de ensino para os educandos com necessidades educacionais especiais.

A escola é o espaço onde todas as diferenças estão, a qual é preciso haver respeito e igualdade. Para Machado (2007, p. 28) a educação inclusiva proporciona a todos os alunos o acesso ao ensino regular. Esta inclusão remete a maneira como se lidam com a diversidade encontrada em sua maioria na escola. Para Gatti (2010, p. 1360) o papel da escola e dos docentes seria de ensinar- educando, pois sem os conhecimentos básicos para interpretação do mundo não haveria condição de valores e de exercício de cidadania.

Sabe se que em alguns casos a criança com T.D.A/ H é vista em sala de aula como o “aluno problema” por ser muito agitada, perturbar os colegas, não conseguir focar em um mesma tarefa por um tempo não muito longo, fugindo assim do comportamento esperado de

um “bom aluno”, acarretando em idas frequentes à diretoria e solicitações de atendimento aos pais e falta de amigos para brincar. Sendo assim, escolas e docentes necessitam preparar se para não só inserir os alunos, mas realmente incluí-los, trabalhando a diversidade possibilitando a estes alunos hiperativos a estarem integrados e inclusos de verdade no ambiente escolar.

Machado (2007, p. 33) relata que o trabalho executado em sala de aula pelos docentes não deve resumir em apenas colocar em prática os conhecimentos adquiridos nos cursos de magistérios, nível superior ou até nas formações continuadas vai muito, além disso, já que o docente deve sempre encontrar situações inesperadas e irá precisar saber lidar com elas, precisando de uma disponibilidade para aprender constantemente.

Há autores que apresentaram estudos, nos quais comparam o desempenho dos alunos com T.D.A/ H com alunos “normais” ficando evidente que os alunos com T.D.A/H tem mais chances de um fracasso escolar (repetência, suspensão), pois tais alunos, como relatado anteriormente, são os alunos- problemas, os alunos que não importa o que você faça eles não irão aprender, criando a imagem de que trabalhar com eles ou adaptar práticas de ensino será uma perda de tempo, pois este já está destinado ao fracasso.

Paula (2009, p. 201), relata que o fracasso do desempenho escolar é um dos problemas do nosso sistema educacional, contudo ao invés de se procurar uma solução para esse devido problema, foca-se em achar o culpado, acusando o aluno outras vezes o docente, outras os órgãos governamentais, e até às vezes sobrando para a família, tornando se um jogo de empurra- empurra.

Como já foi dito acima, o docente precisa conhecer o aluno com T.D.A/ H, como venha a ser o transtorno, as limitações e a melhor forma que irá ajudar o aluno a melhorar o seu desempenho escolar. Pensando nisto e em como o docente influencia seus alunos através da sua prática, foi questionado às docentes, o que elas entendem sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. As três docentes conhecem o transtorno e sabem bem sua definição, causas e sintomas.

A opinião que me chamou mais a atenção foram da docente Laura que problematizou muito bem a temática:

T.D.A/H - Transtorno de Déficit de atenção e hiperatividade é um assunto muito tratado ultimamente, pois através de estudos realizados, esclarece que ele pode ser a resposta de muitos casos de rendimento insatisfatório do aluno na escola. O

T.D.A/H (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) também é chamado de DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas e ambientais. Esse transtorno surge na infância e pode acompanhar a pessoa por toda a vida. Os principais sintomas do T.D.A/H são: desatenção, impulsividade, hiperatividade, dificuldade de concentração em atividades muito longas, distração por estímulos como ruídos, conversas e movimentações, distração por estímulos internos (pensamentos), são desorganizadas com seu material, tem dificuldades em planejar tarefas. (Relato da docente Laura)

Outro fator que chama muito a atenção é a discriminação e rotulação que as crianças hiperativas sofrem ao longo da vida escolar, sendo taxadas de que vivem “no mundo da lua”, agitadas, sem paciência e desinteressadas em atividades que exigem um longo tempo de concentração. Por esses tipos de comportamentos às vezes são confundidos os mal-criados com os hiperativos, dependendo muitas vezes do docente diferencia-los e até mesmo orientar a família.

Das três docentes participantes, somente duas (Gabriela e Laura), tiveram a experiência de lecionar para crianças hiperativas. A docente Laura relata que não era difícil notar que a criança a qual lecionava apresentava esse distúrbio, pois era desatendo cometendo erros em matérias que comprovadamente conhecia e a perda de atenção enquanto ela explicava o conteúdo.

A docente Gabriela leciona na área de alfabetização e relatou que antes mesmo de seu aluno ter um diagnóstico profissional ela já havia notado certa dificuldade do aluno em iniciar e concluir atividades quando solicitadas, a dispersão com qualquer estímulo. A docente Andreia relatou que mesmo não tendo lecionado para alunos hiperativos, tem experiência com alunos que necessitam de uma educação especial.

A colunista do site Brasil Escola, Elen Campos Caiado, informa que o ideal é que o docente se informe sobre o transtorno, de forma que venha auxiliar a família no diagnóstico e no seu desenvolvimento em relação às dificuldades que são apresentadas pelo portador do T.D.A/ H. Para um desenvolvimento constante do T.D.A/ H, é necessário um trabalho mútuo entre docente e a família e especialmente do profissional da saúde.

Fica evidente a necessidade de docente, família e profissional de saúde trabalhar juntos, auxiliando o desenvolvimento pleno da criança em todos os sentidos, ajudando-o a superar os rótulos que, por mais que seja trabalhada a diversidade nas escolas, ainda permanece fortemente em alguns casos. Partindo desta temática e tendo como base as dicas da colunista Caiado, deixo algumas sugestões aos docentes:

- ✓ Priorize o diálogo de forma a adquirir a confiança da criança e conhecer suas preferências;

- ✓ Procure utilizar recursos diferentes, visando favorecer a aprendizagem do aluno;
- ✓ Comece com atividades simples e de acordo com os avanços aumente os níveis;
- ✓ Encoraje-os com frequência;
- ✓ Procure manter-se próximo a criança na sala de aula;
- ✓ Converse em particular com a criança, relatando seu desempenho estimulando sua evolução;
- ✓ Por mais simples que possa ser as evoluções, jamais o desmereça, sempre elogie evitando o regresso do desenvolvimento.

Para Tiba (2012, p. 183) a educação escolar difere se da familiar, não tendo a possibilidade de uma substituir a outra, devido ao fato de uma subsidiar a outra. Não pode incumbir a escola funções que são da educação familiar, tais como formação de caráter e padrões de comportamentos familiares. Cabe à escola preparar profissionalmente seus alunos, cuidando da convivência grupal e social.

Sendo assim, a formação continuada, vem para ajudar os docentes em suas práticas de ensino, abrindo um leque de possibilidades e ampliando o conhecimento dos mesmos sobre os transtornos de aprendizagem e tanto outros temas relacionados à educação escolar, para que assim possam compreender as limitações dos alunos, ajudando-os no decorrer do processo de aprendizagem.

Por fim, esta formação, vale ressaltar que a mesma, segundo Aquino et al (2011) requer muito mais investimentos, tempo, colaboração e comprometimento da sociedade. Como diz Gatti (2010) esta formação precisa partir da prática, agregando os conhecimentos necessários, sem deixar de levar em consideração as condições para exercer o trabalho docente.

4- Capítulo III- Resultados e Discussões

Finalizada a aplicação do questionário com as docentes, os dados coletados foram analisados de forma qualitativamente, visto que de acordo com Machado 2007, p. 46, favorece uma maior interação com o participante da pesquisa, permitindo uma análise interpretativa propiciando o conhecimento acerca dos aspectos subjetivos e a realidade da prática docente.

Em relação à formação, foi visto que todas as docentes possuem a formação mínima para ministrar aulas nos anos iniciais, ficando evidente a necessidade de uma boa formação continuada adequando se as novas exigências da função docente.

Segundo Araújo et al (2013, p. 2), é fundamental que o docente possua formação adequada e de qualidade, recebendo informações através de cursos, visando atender às especificidades de cada aluno para que sejam orientados da melhor forma possível.

Em momento algum o intuito desta pesquisa foi responsabilizar o docente ou qualquer outra pessoa pelo mau desempenho escolar do aluno, pelo contrário, o intuito aqui é ressaltar a problemática, conscientizando a necessidade de buscar meios para solucionar o mesmo elevando assim o nível de conhecimento.

Através do questionário, será possível conhecer a atuação das docentes, suas características, facilidades e dificuldades encontradas durante as práticas docentes e estratégias utilizadas que proporcione o desenvolvimento e inclusão do aluno com T.D.A/ H.

Segundo Machado (2007, p. 30) o docente tem uma oportunidade de aprender a reestruturar seu trabalho quando lida com alunos “diferentes”. Partindo disso a outra questão apresentada às docentes está relacionada ao planejamento escolar se estas levam em consideração a superação do desempenho escolar e quais recursos utilizam? Nesta questão as docentes demonstraram grande preocupação de como planejar suas aulas.

Ambas docentes informam que exploram o conhecimento do aluno hiperativo, mostrando o quanto este pode contribuir para o aprendizado de todos, oferecendo práticas pedagógicas diferenciados, sendo trabalhados de forma interdisciplinar, no entanto não deixam evidentes quais as práticas e como seria estes trabalhos interdisciplinar.

As docentes focam em metodologias as quais obtiveram maiores resultados com seus alunos. Fica evidente que as docentes procuram conhecer seu aluno, as dificuldades que ele apresenta e sua potencialidade. Para ter se sucesso nas aulas é fundamental que conheçam os fatores citados acima.

Machado (2007, p. 57) foge do nosso entendimento, muitas vezes, como pode se tornar importante ao aluno um gesto simples do docente, isto é, apenas com um olhar, palavra ou atenção individualizada pode se transformar o curso de aprendizagem e adaptação do educando.

Referente à questão de informações sobre o transtorno, as docentes relataram que procuram manter se informadas, sobre o transtorno, tratamentos e diagnósticos e práticas metodológicas.

A busca por informações referente ao transtorno faz parte do cotidiano escolar das docentes que tem em sua sala de aula alunos com o transtorno, não buscando apenas para ter o conhecimento, mas para atualizar suas metodologias. Barkley et al (2002, p. 559) informa que houve um grande aumento na quantidade de informações referente ao T.D.A/ H e as intervenções escolares, contudo ainda é presente a falha ao dispor de recursos para os docentes ministrarem as aulas.

Ao serem questionadas se conseguiam diferenciar a criança hiperativa com a criança mal- criada, apontada por Tiba (2012), ambas as docentes informaram que esta diferença é evidente. As três apontaram que a criança hiperativa apresenta os comportamentos característicos do transtorno (impulsividade, desatenção etc.) independente do ambiente, já a criança mal- criada ou mimada procura chamar a atenção do grupo como se tivesse controle da situação, não reconhecem a autoridade não respeitam as regras incomodando docentes e colegas.

Outra questão que foi abordada no questionário é referente às dificuldades a serem enfrentadas em relação às práticas de ensino. As docentes relataram de forma geral que as práticas atualmente estão ultrapassadas e não atendem a demanda de ensino, frustrando as crianças. Por mais que houve um avanço neste sentido, falta ainda muito investimento e capacitações que possa abranger toda comunidade escolar e não o docente regente da sala. Mais investimento em materiais pedagógicos, mais flexibilidade dos conteúdos, capacitações e apoio especializado.

Machado (2007, p. 58) baseada em Rios, diz que um bom trabalho docente é aquele em que o docente toma decisões/ medidas em que proporciona ações positivas a si mesmo, para os alunos e sociedade.

Em relação à existência ou não de certo descaso por parte dos órgãos governamentais, as docentes dividiram opiniões, as docentes Gabriela e Laura concordam que há um descaso por parte dos governantes no sentido de suporte técnico, capacitações e formações continuadas, para que assim os profissionais desta área possam estar cada vez mais preparados e seguros ao lidar com as crianças com T.D.A/H; já a docente Andreia informa que o que existe na verdade é uma falta de informação sobre os materiais cedidos pelo MEC e a descontinuidade nos cursos de formação continuada.

Diante destas informações, fica evidente que esta falta de apoio acaba por limitar o trabalho do docente, a falta de recursos prejudica o trabalho do mesmo, tendo que “virar se” com o que tem e nem sempre isto é o suficiente para garantir um bom trabalho aos alunos, problematizando assim, as condições que os docentes têm para exercer seu trabalho.

Partindo desta problemática, as docentes foram questionadas sobre o que, na opinião delas, seria necessário para uma educação de qualidade? Ambas responderam que para que ocorra realmente uma educação de qualidade diversos fatores precisam ser modificados entre eles a valorização do docente e adequação dos equipamentos fornecidos às instituições.

Ao serem questionadas sobre a necessidade ou não de melhorias na formação continuada, ambas concordaram que a formação em si não contribui tanto como deveria, havendo a necessidade de um olhar mais atencioso ampliando os temas e os abordando de forma mais aprofundada, pois a formação deveria contribuir muito para a preparação do docente.

De acordo com Machado (2007), a dificuldade dos docentes em relação ao trabalho com os alunos com Déficit de Atenção/ Hiperatividade está relacionada à falta de estrutura e apoio técnico oferecido pela rede de ensino a qual os docentes não conseguem solucionar as dificuldades apresentadas.

Por fim, a última questão chamava a atenção para um alerta de que nem todas as docentes sabiam o que vinha a ser o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade ou até

mesmo a diferença de um aluno hiperativo para um indisciplinado, Partindo disso, elas foram questionadas sobre o que poderia ser feito para modificar esta realidade.

As docentes Andreia e Gabriela informaram que isso é algo que vem desde a formação inicial do docente, onde muitas vezes o tema não é abordado a fundo. A docente Gabriela completa ainda reforçando que quando um docente recebe em sua sala um aluno hiperativo o apoio que o mesmo recebe é extremamente precário, ficando a responsabilidade praticamente toda em cima do docente.

A docente Laura acredita que possa reverter essa situação através de mais incentivos nas capacitações e formações continuadas acerca desse tema. Para ela o docente por si só, pode até buscar informações e estar antenado para não cometer erros, mas ainda, como ela mesma diz, é um trabalho de beija-flor, pois havendo o apoio governamental de acompanhamento dessa criança os resultados serão bastante satisfatórios.

O docente que desconhece o problema pode acabar concluindo que essa criança é irresponsável ou rebelde, pois em um dia pode estar produtiva e participante, mas no dia seguinte simplesmente não presta atenção a nada e não leva a cabo os deveres. Acaba por atrair bastante atenção do docente, mas atenção um tanto negativa. Isso pode causar desacertos, já que as outras crianças perceberão o “clima” e poderão se interessar mais no embate entre docente e aluno “problemático” do que na sua tarefa (SILVA, 2003, p.62).

Goldstein, S. e Goldstein, M. (1996, p. 19), afirmam que a criança hiperativa representa um imenso desafio para pais e docentes. Hiperatividade pode ser considerada um problema persistente e crônico devido ao fato de não haver cura e diversos problemas apresentados pela criança hiperativa devem ser administrados no dia a dia.

Vale ressaltar a importância dos pais em entenderem que a hiperatividade pode ser mais bem descrita como uma forma exacerbada daquilo que pode ser considerado um comportamento apropriado para a idade e a importância dos docentes em auxiliar pais e crianças, para que estas como ditas anteriormente não sintam se excluídas e destinadas ao fracasso, elas podem e tem capacidade para aprender juntamente com o auxílio do docente que estrutura sua aula para abranger e atender as especificidades de todos os alunos-hiperativos e não hiperativos.

5- Considerações Finais

O T.D.A/ H pode ser entendido como um distúrbio cerebral, a qual faz com que a criança “perca” o controle do seu comportamento, ocasionando um comportamento fora dos padrões esperados, ocorrendo em certas situações à rotulação de criança bagunceira, mal educada e avoada.

Percebi através dos estágios que realizei durante o curso, dos referenciais e dos depoimentos das docentes que é fundamental o afeto para com a criança hiperativa, contudo não somente com elas, mas com todos os alunos, estes são sensíveis e precisam de estímulos. O afeto é o alicerce para a formação da conduta e da personalidade do ser humano, tanto docentes quanto família precisam dedicar alguns minutos a estes alunos e vise à qualidade destes minutos, muitas vezes este “atendimento” individual fará toda a diferença. O simples ato de ir até o aluno e dar atenção a ele, perguntar se precisa de ajuda, olhar nos olhos dele e demonstrar afeto, tudo isso ajuda e estimula o aluno no decorrer da aprendizagem.

Com relação às docentes participantes, observou se que demonstram conhecimento sobre o transtorno, algumas até pensam em estratégias para chamar a atenção do aluno e ajudá-lo a melhorar seu desempenho escolar.

Vale ressaltar a importância do acompanhamento do docente, profissional e familiar com o aluno hiperativo. Nós docentes devemos levar em consideração os sentimentos destas crianças que por incontáveis vezes são excluídas e rotuladas não somente no âmbito escolar, pois somos adultos e docentes, mas um dia já fomos crianças e em algum momento sabemos o que se passa com esta criança quando a rotulam. Afinal quem de nós nunca foi excluído, rotulado ou até mesmo agredido por aqueles que se diziam colegas ou docentes?

É persistente ainda esta busca por culpados e fórmulas prontas de aulas, contudo o que ainda não foi notado é que não existe um culpado só ou uma aula mágica que soluciona dos os M.D.E (mau desempenho escolar) ou a falta de inclusão.

Culpados? Talvez todos nós sejamos culpados pelo descaso com a educação, ou até mesmo não haja nenhum culpado. O que se é notado nas escolas muitas vezes é a acomodação, a presente falta de alguns conhecimentos e recursos e não se faz nada para modificar, estando se assim satisfeito com o pouco apoio. Quanto às aulas mágicas, fica

evidente que não há uma receita pronta, nem tão pouco soluções simples e imediatas para a dificuldades.

Cada escola tem seu “tipo” de clientela e cabe ao docente adequar-se a ela, por isso a metodologia utilizada em uma escola nem sempre irá funcionar na outra. O mesmo vale na própria instituição, a metodologia que funcionada em uma sala nem sempre irá funcionar na outra. Cada docente juntamente com coordenação/ colegas/ gestão, precisa identificar e compreender as dificuldades a serem enfrentadas, adequando-se para tentar ao menos solucionar- las.

Ressalto que o problema apresentado pela criança hiperativa acaba sendo acarretada pela cobrança de um trabalho organizado e alta concentração. Para “driblar” estes problemas, cabe ao docente trabalhar em conjunto com a família e até mesmo com o profissional de saúde, propiciando que este aluno desenvolva-se plenamente e o docente reflita sobre sua prática pedagógica, para que de fato esta seja realmente inclusiva.

Entende-se que não é fácil para o docente, refletir e reestruturar sua prática de ensino, já que este às vezes já adota uma prática de ensino há muito tempo. Os órgãos governamentais precisam apoiar e proporcionar condições, oportunidades e recursos para estes docentes manterem-se atualizados e seguros para atuarem com mais facilidade, de modo que o apoio e condições atualmente não contribuem tanto como deveria.

Outro fato que evidencio, é o jogo do empurra- empurra, que parte da falta de informações sobre o tema, voltando aquele estereótipo de que o aluno hiperativo é um transtorno, onde o docente incomoda-se com o hiperativo, repassa o “problema” a coordenação ou direção e os mesmo jogam essa “bomba” no colo dos pais. Pelo contrário, ao invés de iniciar o jogo do empurra- empurra ambos precisam unir forças, como dito anteriormente, escola e família unindo forças, visando ajudar o aluno.

Por fim, informo que o trabalho ainda não acabou, há muito ainda a se pesquisar e informar sobre o tema, muita coisa ainda precisa ser estudado, este é um tema muito importante, ainda poderá usado para pesquisas futuras, o trabalho não para por aqui.

6- Referências Bibliográficas e Complementares

ABREU, Paulo Bartolomeu; GREVET, Eugênio e VICTOR, Marcelo. Histórico e Epidemiologia do T.D.A/ H. In: CAMARGOS, WALTER JR; Hounie, Ana G. **Manual Clínico do Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade**. Nova Lima- MG: Info Ltda, 2005, 18-55 p.

AFONSO. Dulcinéia Rodrigues. **Aprendizagem de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: O orientador educacional como potencializador do processo**. Três Rios- RJ: Departamento de Pós- graduação e atualização- Faculdade Redentor, 2011. 23p. Artigo.

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Pandéia, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, v. 02, p. 61-69, Fev./ Jul. 1992.

AMARAL, Alice Bicalho do. Et al. **A formação do docente para trabalhar com crianças que apresentam diagnóstico de TDAH no ensino fundamental I na rede municipal de ensino de Curitiba**. Revista eletrônica do curso de pedagogia das faculdades OPET, Curitiba-PR. ISSN 2175-1773, 12p. dez. 2013.

AMARAL, Régina Durães; SANTOS Fernanda de Carvalho. **Criança hiperativa: Quem é ela?** Psic: Revista da Vetor Editora. São Paulo, v. 5, nº. 1, S/P, 2004.

AQUINO, Orlando Fernández; BOGES, Maria Célia; PUENTES, Roberto Valdés. **Formação de docentes no Brasil: História, políticas e perspectivas**. Revista HISTEDBR On-line, v. 42, p. 1-19, 2011.

ARAÚJO, Leonice de Jesus; SOUZA, Vanderlice Vieira de. **Inclusão e alfabetização das crianças com transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) de uma escola pública do Recanto das Emas**. Guará- DF, 2013, 25 p. Trabalho de Conclusão de Curso.

ASFORA, Rafaella; CRUZ, Vanessa Vera; LIMA, Waleska; SILVA, Erivanir. **T.D.A/ H e Prática Pedagógica: Conhecendo as principais dificuldades a partir de relatos de docentes da rede municipal do Recife**. Recife: UFPE/ Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais- Centro de Educação. 2010. 24p. Artigo.

BANDEIRA, Hilda Maria Martins. **Formação de docentes e prática reflexiva**. Piauí-MA, 2006, 13 p. Trabalho de Conclusão de Curso.

BARKLEY, Russell A. e colaboradores. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: Manual para Diagnóstico e Tratamento**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2002. 778p.

BRASIL, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília. 20 dez. 1996.

BRASIL, Decreto 3.298/99, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Brasília. 20 dez. 1999.

BRASIL, Congresso. Senado. Resolução CNE/ CP 1, de 15 de maio de 2006. Institui a Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura. Brasília. 15 mai. 2006.

CAIADO, Elen Campos. **Hiperatividade na Escola**. Disponível em: <<http://docente.brasilecola.com/sugestoes-pais-docentes/hiperatividade-na-escola.htm>>. Acessado em: 10 jul. 2015.

Déficit de atenção e hiperatividade começam na infância e podem continuar na vida adulta. Disponível em: <<http://www.einstein.br/einstein-saude/vida-saudavel/crianca-e-adolescente/Paginas/deficit-de-atencao-e-hiperatividade.aspx>>. Acessado em: 10 jul. 2015.

Déficit de Atenção- T.D.A/ H: Diagnóstico e tratamento especializados no IPDA- Instituto Paulista de Déficit de Atenção. Disponível em: < <http://www.dda-deficitdeatencao.com.br/>>. Acessado em: 20 mai. 2015.

Dicionário Aurélio. Disponível em: < <http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acessado em: 10 jul. 2015.

Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM. Disponível em: < <http://www.psychiatry.org/practice/dsm>>. Acessado em: 10 jul. 2015.

FONTES, José Américo. Hiperatividade na criança. In:_____. **Lesão cerebral- causas e prevenção**. Brasília: Ministério da ação social, 2002. 46- 56 p.

GATTI, Bernardete Angelina. **Formação de docentes no Brasil: Características e problemas**. Educ. Soc., Campinas- SP, v. 31, n. 113, p. 1355- 1379, out.- dez. 2010.

GOLDSTEIN, S.; GOLDSTEIN, M. **Hiperatividade: Como desenvolver a capacidade de atenção da criança**. Campinas, SP: Papyrus, 2ª ed.1996, 245p.

GOMES, Thais de Sá; TOZETTO, Susana Soares. **A prática pedagógica na formação docente**. Ponta Grossa- Paraná. V. 17, n. 2, p. 181- 196. 2009;

GOMIDE, Angela Galizzi Vieira; VIEIRA, Alboni Dudeque Pianovski . **História da formação de docentes no Brasil: o primado das influências externas**. In: VIII Congresso Nacional de Educação EDUCERE e III Congresso Íbero-Americano sobre violências nas escolas CIAVE, 2008, Curitiba. Formação de docentes. Curitiba: Editora Champangat, 2008. v. único.

Hiperatividade ou déficit de atenção: identifique os distúrbios nas crianças. Disponível em:< <http://mdemulher.abril.com.br/familia/maxima/hiperatividade-ou-deficit-de-atencao-identifique-os-disturbios-nas-criancas>>. Acessado em: 10 jul. 2015.

MACHADO, Vilma Bastos. **O docente e a inclusão do aluno com Déficit de Atenção e Hiperatividade**. 103 p. Tese (Mestrado em Psicologia da Educação). Centro de Ciências da Vida da PUC. Pontifícia Universidade Católica- PUC, Campinas, 2007.

NAVES, Ernando Cezar Vieira. **A Hiperatividade no Contexto Escolar**. Monte Carmelo-MG. Cadernos da FUCAMP, v.10, n.13, p.56-70, 2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas**. IN: MEYER Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. - Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012 (p. 23-45).

PAULA, Vanderley Maria dos Santos Rodrigues de. **O fracasso escolar: quem são os culpados?**. Paranaíba- MS: An. Sciencult, v.1, n.1 2009.

PINHEIRO, Sara Cristina Aranha de Souza. **Crianças com Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade (TDAH) no ambiente escolar**. Salvador: UNEB/ Departamento em Educação- Campus I, 2010. 66p. Trabalho de Conclusão de Curso.

Portal Educação e Associados. Programa de Educação Continuada à Distância. **Hiperatividade/ Transtorno de Déficit de Atenção**. 96 p. Apostila.

RIBEIRO, Marcela Rios. **“Socorro! Tenho um hiperativo em minha sala” Representações sociais de docentes de uma escola em Jaboatão dos Guararapes**. Recife: Centro de Educação- UFPE, 2013. 25 p. Trabalho de Conclusão de Curso.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Educação Brasileira, Campinas-SP, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de docentes no Brasil: Dilemas e perspectivas**. Poiesis Pedagógica, v. 9, p. 07-19, 2011.

SENA, Simone da Silva. **O transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade na Infância**. Pátio educação infantil, Porto Alegre- RS, n. 22, p. 20- 22. Jan. 2010.

SILVA, A. B. **Mentes Inquietas: Entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas**. 224p. São Paulo: Gente, 2003.

Sobre o T.D.A/ H. Disponível em: < <http://www.tdah.org.br/br/sobre-tdah/o-que-e-o-tdah.html>>. Acessado em: 05 mai. 2015.

SOUZA, Warley Carlos de. **Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, medicina e educação: encontros e desencontros**. Dourados, MS: UFGD, 2014, 105 p.

T.D.A/H. Disponível em: <http://adhd.com.br/novo/resumos/index.asp?Block=1&page=2&month=&year=&giorno=&arquivo=OK&par_riquerca=&tipologia=>. Acessado em: 16 set. 2014.

Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDA/H). Como tratar e amenizar os seus efeitos. Disponível em: < <https://psicomarcosmarinho.wordpress.com/tdah/>>. Acessado em: 16 set. 2014.

The Hyperactive Children's Support Group. Disponível em: < <http://www.hacsg.org.uk/>>. Acessado em: 30 mai. 2015.

TIBA, Içami. Situações críticas. In:_____. **Quem ama, Educa! : formando cidadãos éticos.** São Paulo: Integrare, 2012. p.157-160.

TORQUATO, Gilmar. **Especial: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (T.D.A/ H): Como tratar e amenizar os seus efeitos.** Disponível em: <<http://www.lersaude.com.br/especial-transtorno-de-deficit-de-atencao-e-hiperatividade-tdah-como-tratar-e-amenizar-os-seus-efeitos/>>. Acessado em: 11 jul. 2015.

VAGULA, EDILAINE. **A formação docente e a prática docente.** Disponível em: < http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_edilaine_vagula.pdf>. Acessado em: 15 jul. 2015.

VARELLA, Drauzio. **T.D.A/ H- Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade.** Disponível em: < <http://drauzioarella.com.br/crianca-2/tdah-transtorno-do-deficit-de-atencaohiperatividade/>>. Acessado em: 05 mai. 2015.

VIARO, Claudia Dias Flausino. **A criança com Transtorno de Atenção e Hiperatividade: O papel da escola e do docente, sua influência e motivação no ensino- aprendizagem.** São Pulo- SP, 2008. 58 p. Trabalho de Conclusão de Curso.

7- Anexos

- Questionário aplicado às docentes participantes da pesquisa.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL-MS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO-PROE
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS
CURSO DE PEDAGOGIA-LICENCIATURA

Avaliação de Diagnóstico de Desempenho Profissional

- ✓ Qual sua formação (curso, onde faz, quando fez, em que ano concluiu); Faz algum curso de formação continuada? Leciona em que turma?
- ✓ Para você, o que é transtorno de déficit de atenção e hiperatividade-TDAH? Conhece seus principais sintomas?
- ✓ Já lecionou para alunos portadores de necessidades especiais? E com TDAH?
- ✓ Procura estar atento-informada sobre o TDAH? Já fez ou procura fazer algum curso de formação específica referente ao TDAH?
- ✓ Como seria seu planejamento escolar? Leva em consideração a superação, muitas vezes necessária, do desempenho escolar? Quais os recursos mais utilizados? As crianças ficam somente na sala? Há a abordagem interdisciplinar?
- ✓ Consegue diferenciar um aluno hiperativo de um aluno, como informa Içami Tiba, malcriado/ sem limites?
- ✓ Para você, quais as dificuldades a serem enfrentadas em relação às práticas de ensino?
- ✓ Acredita que há certo descaso por parte dos órgãos governamentais em relação ao apoio aos docentes e suas práticas de ensino e formação continuada?
- ✓ Para você o que seria necessário para uma educação de qualidade?
- ✓ Para você o que precisa ser melhorado nas formações continuadas? O que deveria ser abordado com maior evidência?

- ✓ Poucas docentes sabem o que é TDAH, seus principais sintomas e a diferença entre um aluno com TDAH e um aluno indisciplinado. Para você, o que deveria ser feito para esta realidade alterar-se? Há certo desdém das próprias docentes em não se preocupar com isso por achar que nunca terão um aluno com TDAH?